

DO JORNAL AO LIVRO, A INTERDISCURSIVIDADE NAS CRÔNICAS DE ARNALDO JABOR

Jussara Maria JURACH*
Níncia Cecília Ribas Borges TEIXEIRA**

*ABSTRACT: The text production conditions lead the discourses for different sense effects. The transposition of journalistic chronicles into a book plays directly with the interdiscursivity. The aim in this work is to analyze how this process generates those sense effects. This work analyzes two journalistic chronicles written by Arnaldo Jabor. Firstly, the chronicles was published in daily newspapers. Later, they were present in a collection of the author's texts, in the book *Pornopolítica: paixões e taras na vida brasileira*. In this sense, it was considered some notions of Analysis of Discourse of French line, as the interdiscursivity and as of production conditions. With these notions, it was possible to demonstrate the discursive forces in different situations.*

KEYWORDS: chronicles; interdiscursivity; production conditions; sense effects.

1. Introdução

Este artigo procura, sob o viés da Análise do Discurso de linha francesa, observar como acontece a constituição dos efeitos de sentido em duas crônicas políticas de Arnaldo Jabor presentes no livro *Pornopolítica: paixões e taras na vida brasileira*, lançado em 2006, que reúne crônicas do autor já publicadas nos jornais de circulação nacional, como *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*.

O foco de análise são as forças interdiscursivas nos textos. Pode-se perceber, com frequência, o resgate de discursos históricos que propiciam efeitos de sentido que fortalecem a posição discursiva do sujeito enunciador. Esses discursos, cristalizados no imaginário social, estão em relação de complementaridade com os demais, presentes nas condições de produção das crônicas. Pelo fato de terem sido novamente publicados alguns anos depois em livros, a produção de sentidos desses textos é enredada por outros discursos. Assim, os efeitos de sentido são modificados e renovados.

Aborda-se, para tanto, primeiramente, as relações da crônica com os diferentes suportes, posteriormente, a noção de interdiscursividade na linha teórica da AD e, depois, faz-se a análise do *corpus* para a explicitação da maleabilidade dos sentidos e dos recursos utilizados pelo cronista em questão para a constituição desses efeitos.

2. A crônica nos espaços jornalístico e literário

Jorge de Sá, no livro “A crônica”, aponta o texto de Pero Vaz de Caminha ao rei D. Manuel de Portugal como a primeira crônica escrita em solo brasileiro, na qual o escrivão registra, com riqueza de detalhes, o contato que tem com a terra “descoberta”. “Estabelecendo essa estratégia, Caminha estabeleceu também o princípio básico da crônica: registrar o circunstancial. Nossa literatura nasceu, pois, de uma circunstância, nasceu da crônica” (SÁ, 1987, p. 6).

* Mestranda em Estudos Linguísticos. Universidade Federal do Paraná.

** Pós-doutora em Letras. Docente do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste.

O cronista de jornal, na atualidade, registra o circunstancial para ser oferecido a um público numeroso, porém, parcialmente determinado, pois se dirige aos leitores do veículo de comunicação de que participam. A linha editorial do veículo, ou seja, de forma geral, os interesses dos proprietários e consumidores, exige uma adequação do material escrito a uma ideologia que atenda às expectativas desse grupo. Além disso, a própria estrutura textual deverá ser organizada de acordo com limites de espaço dentro da página do jornal, seu lugar nas editorias e sua relação com os demais interesses do periódico, dentre eles, o econômico, pois na página, a crônica disputa espaço com os valorosos centímetros da publicidade.

De modo geral, a crônica permite elaborações parcialmente padronizadas, pois há lugar para o trabalho com temas diversos e estilos particulares de escrita. A semelhança entre os diferentes autores ocorre pelo “fato de estarem relacionadas aos comentários da vida cotidiana. Assim, falar sobre os costumes, a política, as manifestações culturais mais diversificadas parece caracterizar-se como fio condutor dessas narrativas” (KONZEN, 2002, p. 38).

Por se tratar de um espaço de informação que aborda temas cotidianos, a crônica acaba por retomar outros textos presentes no jornal, o que faz com que ocorra uma relação de complementaridade com o noticiado pelo jornal e com os demais textos. Apesar disso, para Rossetti e Vargas (2006, p. 6), “a crônica é espaço privilegiado para a inventividade e criatividade, diferenciando-se, por isto mesmo, de outros gêneros jornalísticos mais descritivos e informativos, como a notícia”.

A crônica pode ser colocada como um espaço de manifestação ideológica particular no jornal, pois apesar da aparente rapidez dos comentários, o cronista desvenda fatos e provoca novos olhares, a partir do seu ponto de vista e do trabalho com a linguagem.

Nesse sentido, a motivação principal da crônica “é o conjunto dos fatos que o jornal acolhe em suas páginas e colunas. Só que ela não os reconstitui, sua função é a de apreender-lhes o significado, ironizá-los ou vislumbrar a dimensão poética não explicitada pela teia jornalística convencional” (CASTRO e GALENO, 2002, p. 147)

A grande habilidade de trabalho lingüístico presente no gênero faz com que seja possível que as crônicas mudem de suporte. Reunidas em livros, promovem outro espaço de leitura, porém, não menos rico ou com perda de sentido.

A crônica não foi feita para durar, mas, apesar disso, muitas têm conseguido sobreviver muito bem à passagem dos anos. É que, por trás do jeito de conversa fiada que todas têm, na intimidade e no tom corriqueiro da conversa do cronista com seu leitor se esconde muita coisa séria, singular, que subverte a vocação inicial da crônica para o passatempo e para a diversão passageira e faz que ela acabe ganhando uma vida bem mais longa, sem que a idade a faça perder seu viço e seu jeito alegre e debochado. (CRUZ JR., 2002, P. 32).

É perfeitamente possível dizer que a crônica, ao mudar de suporte e ser publicada em um livro, assuma outra temporalidade e admita novas condições de produção, todas constituintes da maleabilidade dos efeitos de sentido. No suporte do livro, mantém outra relação enunciador – leitor – discurso, porque o leitor de um livro de crônicas diferencia-se do leitor de jornal pela sua expectativa. O jornal diário, “[...] nasce, envelhece e morre a cada 24 horas. Nesse contexto, a crônica também assume essa transitoriedade, dirigindo-se inicialmente a leitores apressados, que lêem nos intervalos da luta diária, no transporte ou no raro momento de trégua que a televisão lhes permite” (SÁ, 1987, p. 10).

Além disso, quando uma crônica jornalística deixa o jornal e passa a integrar um livro, o espaço de tempo transcorrido deixa margem à mobilização de uma diferente memória discursiva para a sua interpretação.

Nessa mudança de suporte, que implica a mudança de atitude do consumidor, a crônica sai lucrando. As possibilidades de leitura crítica se tornam mais amplas, a riqueza do texto, agora liberto de certas referencialidades, atua com maior liberdade sobre o leitor – que passa a ver novas possibilidades interpretativas a partir de cada releitura. Assim, quando a crônica passa do jornal para o livro, amplia-se a magicidade do texto, permitindo ao leitor dialogar com o cronista de forma bem mais intensa, ambos agora mais cúmplices no solitário ato de reinventar o mundo pelas vias da literatura (SÁ, 1987, p. 85-86).

O interessante é notar como os efeitos de sentido são passíveis de transformação e como uma mesma crônica, fundada de um fato com condições de produção determinadas, pode ser interpretada fazendo sentido fora delas.

2. O papel da interdiscursividade sob o olhar teórico da AD

É com vistas às formas de constituição dos efeitos de sentido que este artigo faz a observação da utilização do recurso da interdiscursividade nas crônicas de Jabor. Para este estudo faz-se, então, compatível a análise a partir dos fundamentos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa, que percebe como a ideologia se materializa na linguagem.

Em seu texto “Estrutura ou Acontecimento”, Pêcheux (2006) faz uma reflexão sobre a linguagem e as não evidências de sentido. Não se considera uma transparência ou uma literariedade da linguagem, mas sim, a historicidade. O discurso é entendido como efeito de sentidos, permeado por influências do contexto histórico, social e ideológico. “Todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação” (PÊCHEUX, 2006, p. 56).

As condições de produção são fundamentais em todo discurso, sobretudo na crônica, pelo seu caráter significativo e reflexivo ao abordar temas cotidianos, isso porque na Análise do Discurso considera-se que as “transformações históricas possibilitam-nos a compreensão da produção dos discursos, seu aparecimento em determinados momentos e sua dispersão” (FERNANDES, 2007, p. 26).

De acordo com Orlandi (2003, p. 30), estão incluídos nas condições de produção o contexto imediato, que corresponde ao momento em que é produzido o enunciado e, de maneira mais ampla, as influências sócio-históricas e ideológicas.

Ao mesmo tempo em que acontece a produção de sentidos, difunde-se a ideologia presente em toda a materialidade lingüística, já que é através dela que se dão todas as produções humanas, uma vez que “a ideologia é uma ‘representação’ da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência” (ALTHUSSER, 1985, p. 85).

Na ideologia, fazem-se presentes as formações discursivas que são as determinações dos dizeres possíveis dentro de um contexto dado e, assim, colocam os sujeitos como constituídos de relações sócio-históricas que guiarão suas escolhas discursivas.

É por isso que as condições de produção nunca serão exatamente as mesmas. Outros dizeres sempre estarão em relação de interpenetração aos ditos em um dado momento e a ativação desses dizeres não é idêntica de um sujeito para outro. Cada situação carrega uma nova elaboração discursiva. Dessa forma, o enunciador não é capaz de dominar a interpretação de seus textos.

O sujeito é a interpretação. Fazendo significar, ele significa. É pela interpretação que o sujeito se submete à ideologia, ao efeito da literalidade, à ilusão do conteúdo, à construção da evidência dos sentidos, à impressão do sentido já-lá. A ideologia se caracteriza assim pela fixação de um conteúdo, pela impressão do sentido literal,

pelo apagamento da materialidade da linguagem e da história, pela estruturação ideológica da subjetividade. (ORLANDI, 2001, p. 22).

As filiações dos sentidos do discurso estão presentes no interdiscurso, o espaço do não-dito, mas que se faz presente nas produções de sentido. “O interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos” (ORLANDI, 1999, p. 33).

Os sentidos se filiam a um complexo com dominante, ou seja, um conjunto de formações discursivas que atuarão no efeito de evidência de sentido proporcionado em uma enunciação. O interdiscurso é o que possibilita ao sujeito a ilusão de que seu discurso será reconhecido, enquanto evidência de significações, pois remete ao que já se disse anteriormente, que já faça sentido.

Ele é o que fornece a cada sujeito sua realidade enquanto sistema de evidências e de significações percebidas, experimentadas. E é pelo funcionamento do interdiscurso que o sujeito não pode reconhecer sua subordinação-assujeitamento ao Outro, pois, pelo efeito de transparência, esse assujeitamento se apresenta sob a forma da autonomia. O Outro aí é o interdiscurso (ORLANDI, 2006, p. 18).

Assim, não se pretende neste trabalho afirmar a interdiscursividade como um recurso argumentativo, pois isso provocaria certas incompatibilidades com a noção de interdiscurso sob o viés da Análise do Discurso de linha francesa, para a qual o interdiscurso independe da vontade do sujeito, pois o que já foi dito está todo momento presente no dizer e na produção de sentidos.

Sob esta perspectiva, não há como considerar o interdiscurso como um recurso argumentativo. O que se quer é demonstrar como a transposição dos textos de Jabor do jornal para o livro joga com a memória, na produção dos efeitos de sentido, e como os discursos mobilizados fortalecem o posicionamento ideológico-discursivo do autor.

3. Os sentidos fundados pela interdiscursividade em duas crônicas políticas de Arnaldo Jabor

É com vistas a esse processo, à força determinante e fundadora apresentada pelo interdiscurso, que este artigo pretende compreender como se constituem os efeitos de sentido provocados nas crônicas políticas de Arnaldo Jabor no livro, suas relações interdiscursivas e ideologias propagadas.

O trabalho de análise das crônicas de Arnaldo Jabor permite a explicitação dos efeitos de sentido de textos produzidos por um sujeito enunciativo que se considera “comentarista do grande erro nacional” (JABOR, 24/04/2009, no comentário veiculado pela rádio CBN, intitulado *A partir desta semana estarei no passado, e, se ainda houver Brasil, em julho voltarei*), ao se referir à política brasileira.

Como afirma a psicanalista Miriam Chnaiderman (s.d.) “Jabor sempre nos indica que o mundo não vai ser salvo”. Essa é uma característica dos textos do autor, pois há sempre uma atmosfera de desgaste, de pessimismo ao comentar os fatos ocorridos no país.

Para abordar as relações interdiscursivas dentro do texto de Jabor e, com interesse em considerar a perenidade da crônica a partir da transposição do jornal para o livro, onde entra em contato com novas condições de produção de sentido, foram escolhidas duas crônicas publicadas primeiramente no jornal *O Globo* e, posteriormente, presentes na coletânea de

crônicas que compõem o livro *Pornopolítica: paixões e taras na vida brasileira*, do mesmo autor.

Na crônica intitulada *O governo que desmoralizou o escândalo*, no livro, e anteriormente publicada no jornal *O Globo* com o título *A verdade está na cara, mas não se impõe*, em 25/04/06, antes da reeleição de Luís Inácio Lula da Silva como presidente, Arnaldo Jabor remonta a vários discursos acerca da política brasileira, com destaque no que se refere aos tempos da ditadura militar e aos anseios comunistas.

De forma a oferecer maior organização na análise dos discursos presentes na crônica em estudo, preferiu-se seguir a linearidade das marcas lingüísticas apresentadas no texto de Jabor.

O governo que desmoralizou o escândalo

O que foi que nos aconteceu? No Brasil, estamos diante de acontecimentos inexplicáveis, ou melhor, “explicáveis” demais. Toda a verdade já foi descoberta, todos os crimes provados, todas as mentiras percebidas. Tudo já aconteceu e nada acontece. Os culpados estão catalogados, fichados, e nada rola. A verdade está na cara, mas a verdade não se impõe.

Claro que a mentira sempre foi a base do sistema político, infiltrada do labirinto das oligarquias, claro que não esquecemos a supressão, a proibição da verdade durante a ditadura, mas nunca a verdade foi tão límpida à nossa frente e, no entanto, tão inútil, impotente, desfigurada, broxa.

Os fatos reais: com a eleição de Lula, uma quadrilha se enfiou no governo e desvio bilhões de dinheiro público para tomar o Estado e ficar no poder por vinte anos. Os culpados são todos conhecidos, tudo está decifrado, os cheques assinados, as contas no estrangeiro, os tapes, as provas irrefutáveis, mas o governo psicopata de Lula nega e ignora tudo. Questionado ou flagrado, o psicopata não se responsabiliza por suas ações. Sempre se acha inocente ou vítima do mundo, do qual tem que se vingar. O outro não existe para ele, e não sente nem remorso nem vergonha do que faz. Mente compulsivamente, acreditando na própria mentira, para conseguir o poder. Esse governo é psicopata. Seus executivos riem da verdade, viram-lhe as costas, passam-lhe a mão na bunda. A verdade se encolhe humilhada, num canto.

E o pior é o Lula, amparado em sua imagem de “povo” consegue transformar a razão em vilã, as provas contra ele, em acusações “falsas”, sua contradição de cúmplice e comandante, em de “vítima”. E a população ignorante engole tudo.

Como é possível isso? Simples – o judiciário paralisado entoca todos os crimes na fortaleza de lentidão e da impunidade. Só daqui a dois anos serão julgados os indiciados – nos comunica o STF. Os delitos são esquecidos, empacotados, prescrevem. A lei protege os crimes e regulamenta sua própria desmoralização. Jornalistas e formadores de opinião sentem-se inúteis, pois a indignação fica supérflua. O que dizemos não se escreve, o que escrevemos não se finca, tudo quebra diante do poder da mentira desse governo.

Está havendo uma desmoralização do pensamento. Deprimo-me: “Denunciar para quê, indignar para quê? Fazer o quê?”. A existência dessa estirpe de mentirosos está dissolvendo a nossa língua. Esse neocinismo está a desmoralizar as palavras, o raciocínio. A cada cassado perdoado, a cada negação do óbvio, a cada testemunha muda, aumenta a sensação de que as idéias não correspondem mais aos fatos! Pior: que os fatos não são nada – só valem as versões, as manipulações.

No último ano, tivemos um único momento de verdade, louca, operística, grotesca, mas maravilhosa, quando Roberto Jefferson abriu a cortina do país e deixou-nos ver os intestinos de nossa política.

Depois surgiram dois grandes documentos históricos: o relatório da CPI dos Correios e o parecer do procurador geral da República. São verdades cristalinas, com o sol a pino. E, no entanto, chegam a ter um sabor quase de “gafe”. E a mentira vai se acumulando como estrume durante um ano e acaba convencendo muitos ingênuos de que “sempre foi assim” ou de que “erraram com boa intenção” ou “como podem corruptos liberais condenar gente do PT?”.

Primeiramente, nunca foi assim, ou, como diria o discurso cacofônico do Lula, “nunca antes foi assim”. Essa diferença é fundamental. Sempre houve corrupção no Brasil? Claro que sim, desde a fundação de Salvador em 1549 que roubam sem parar, furtam sem parar, como disse Vieira. Mas a diferença que muitos não entendem é que o PT no poder “revolucionou” a corrupção tradicional de forma monstruosa. “Nunca antes”, nunca antes um partido tomou o poder no Brasil e montou um esquema secreto de “desapropriação” do Estado, para fundar um “outro Estado” ou para ficar vinte anos no poder. Dizer que “sempre foi assim” é burrice ou má fé.

“Nunca antes” se roubou com “boa consciência”. O ladrão tradicional sabia-se ladrão. Até os imundos sanguessugas sabem disso. O ladrão tradicional roubou sempre em causa própria e se escondia pelos cantos para

não ser flagrado. Os ladrões desse governo roubam de testa erguida, como se estivessem fazendo uma “ação revolucionária”, se orgulham de fingir de democratas para apodrecer a democracia por dentro. As desculpas tão absurdamente ilógicas comprovam tudo que eles negam. A verdade está sempre no avesso do que dizem.

No duro, os intelectuais matreiros (onde estão os marxistas de gabinete?) votarão em Lula de novo e dizem que “sempre foi assim” porque, no duro, eles acham que o lulo-dirceuismo estava certo, sim, e que o PT e sua quadrilha fizeram bem em assaltar o Estado para um “fim revolucionário”. Na moita - porque não se declaram -, não são democratas.

Assim como o stalinismo apagava fotos, re-escrevia textos para coonestar seus crimes, o governo do Lula está criando uma língua nova, uma “novi-língua” empobrecedora da ciência política, uma língua esquemática, dualista, nos preparando para o futuro político simplista que está se consolidando no horizonte. Toda a complexidade rica do país será transformada em uma massa de palavras-de-ordem, de preconceitos ideológicos. Lula foi eleito por uma oposição mecânica entre ricos e pobres, dividindo o país em a “favor” do povo e “contra”, recauchutando significados que não dão mais conta da circularidade do mundo atual. Tivemos o “sim” e o “não”, tivemos a depressão da razão de um lado e a psicopatia da política de outro, tivemos a volta da oposição mundo x Brasil, nacional x internacional.

Alguns otimistas dizem; “Não... esse maremoto de mentiras nos dará uma fome de verdades!” Não creio. Vamos ficar viciados na mentira corrente, vamos falar por antônimos. Ficaremos mais cínicos, mais egoístas, mais burros.

O Lula re-eleito seria a prova de que os delitos compensaram.

JABOR, Arnaldo. *Pornopolítica: paixões e taras na vida brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

Logo no título, a predicação atribuída ao governo, “que desmoralizou o escândalo”, pode levar o leitor a fazer referência a um conjunto de “escândalos” ocorridos durante o governo Lula, sobretudo aos mais recentes do momento da leitura, devido ao contexto dominante. Neste caso, nem o escândalo, uma possível forma de reação à imoralidade, conseguiria instaurar um ar de moralidade, pelo menos vindo de um julgamento público.

A pergunta que inicia a crônica “O que foi que nos aconteceu?” produz uma proximidade entre leitor e escritor, sobretudo pela presença do pronome de terceira pessoa “nos”. Essa marca reforça o discurso do sujeito enunciador que se inclui, logo no início, na situação que vai expor durante a crônica, o que é um elemento estilístico nos texto de Jabor.

[...] há sempre uma voz guia, um narrador incluído na situação narrada. É como se este narrador também fosse uma personagem dentro da história. A personagem de Jabor assumiu para si uma tarefa trágica, identificada pelo próprio, em entrevistas recentes para divulgação do livro *Pornopolítica: paixões e taras na vida brasileira*, de querer fazer um estudo psicanalítico do Brasil. (MENDES, 2007, p. 17).

O discurso que segue remete às mentiras e aos crimes cometidos na política brasileira. Em uma nova força interdiscursiva, Jabor traz à tona todo o imaginário de obscuridade política dos governos oligárquicos e “[...] a proibição da verdade durante a ditadura” (JABOR, 2006, p. 183). Assim, antes mesmo de se referir diretamente ao governo Lula, o que faz no parágrafo seguinte, prepara o imaginário do leitor valendo-se da interdiscursividade com situações, de modo geral, desconfortáveis para os brasileiros, já que a ditadura é, na maioria das vezes, permeada por uma memória de negatividade e opressão.

Na manutenção dessa linha discursiva, o próximo parágrafo compara o governo Lula com a tomada do Estado pelos militares: “Os fatos reais: com a eleição de Lula, uma quadrilha se enfiou no governo e desviou bilhões de dinheiro público para tomar o Estado e ficar no poder vinte anos” (JABOR, 2006, p. 183). Nota-se a formação discursiva contrária ao governo ainda pelas marcas lingüísticas como “quadrilha”, “enfiou” e “desviou”. A relação entre os discursos acerca das mentiras políticas do governo Lula e a ditadura militar deixa claro como a interdiscursividade possui papel fundamental na constituição dos sentidos sempre únicos e, ao mesmo tempo, rememorados devido às especificidades das condições de

produção. Desse modo, os efeitos de sentidos sempre serão outros, pois "o interdiscurso é da ordem do saber discursivo, memória afetada pelo esquecimento, ao longo do dizer" (ORLANDI, 1999, p. 34).

Logo mais, o governo é chamado de psicopata. Nesse ponto, Jabor traz a memória discursiva do medo e da desconfiança provocada pelas características do psicopata. "Questionado ou flagrado, o psicopata não se responsabiliza por suas ações. Sempre se acha inocente ou vítima do mundo, do qual tem de se vingar. O outro não existe para ele, e não sente nem remorso nem vergonha do que faz. Mente compulsivamente, acreditando na própria mentira, para conseguir poder" (JABOR, 2006, p. 184). Relacionam-se os crimes provocados por psicopatas ao comportamento do governo.

No quinto parágrafo, Jabor faz referência aos casos de corrupção que são encaminhados para o Judiciário e acabam praticamente esquecidos. Neste momento, certamente, os vários discursos acerca da impunidade estão presentes quando o leitor entra em contato com materialidades discursivas como "Só daqui a dois anos serão julgados os indiciados – nos comunica o STF" (JABOR, 2006, p. 184), pois esse enunciado é corriqueiro na mídia quando se trata de punir políticos envolvidos com corrupção.

Mais à frente, no enunciado "[...] as idéias não correspondem os fatos" (JABOR, 2006, p. 185), remete-se a uma expressão conhecida no Brasil devido à música "O tempo não pára", famosa na voz de Cazuza e composta por ele, juntamente com Arnaldo Brandão. Isso promove familiaridade do leitor com o texto e reforça o discurso do autor.

A referência aos discursos da mídia, na época da publicação da crônica, acerca da denúncia sobre procedimentos ilegais, envolvendo o governo, feita por Roberto Jefferson, o relatório da CPI dos Correios e o parecer do procurador da República acerca dos casos de irregularidade, é trazida à memória quando acontece a leitura do texto no livro, publicado mais tarde. As condições de produção são outras, mas o interdiscurso está presente na formação do sentido, sobretudo porque os exemplos de corrupção citados fazem parte da formação discursiva da maioria dos leitores, devido ao amplo destaque que esses acontecimentos tiveram na mídia.

A circunstancialidade dos fatos proveniente do momento da escrita da crônica é transpassada por um viés histórico na leitura no livro, pois casos com forte repercussão na mídia estão presentes na memória como parte da história do país.

Na seqüência, o cronista remete ao discurso acerca da corrupção proveniente de um dos sermões do padre Antonio Vieira, pronunciado no tempo da fundação de Salvador em 1549 quando enuncia "[...] roubam sem parar, furtam sem parar" (JABOR, 2006, p. 185). A isso, compara e aponta as diferenças às formas de corrupção acontecidas no governo Lula. "Mas a diferença que muitos não entendem é que o PT no poder 'revolucionou' a corrupção tradicional de uma forma monstruosa" (JABOR, 2006, p. 185). Com isso, apresenta maior credibilidade ao seu discurso, pois se mostra conhecedor da história do país e dos textos literários e canônicos. O termo "revolucionou", na consideração da heterogeneidade discursiva, marcado entre aspas, remete à proposta de governo revolucionária que sempre permeou o discurso de Lula e do PT.

Ao final, Jabor traz à memória governos que marcaram a história sobre o comunismo, quando faz um paralelo entre o governo do Lula e de Josef Stalin, líder comunista e que manteve um governo ditatorial por volta de 1930, na Rússia. Segundo Jabor, "[...] o stalinismo apagava fotos, re-escrevia textos para contestar seus crimes" (JABOR, 2006, p. 186). O discurso relacionado à atmosfera política da Rússia sempre está em referência ao passado socialista e comunista e a governos ditatoriais. Com isso, novamente o sujeito enunciativo deixa clara sua formação discursiva e ideológica de esquerda ao governo, já que defende que a conjuntura política presente no mandato de Lula não é democrática.

Na conclusão do texto, o autor evidencia linguisticamente o que vê como uma oposição gerada pelo governo no Brasil, em termos que sugerem esse antagonismo, colocados próximos uns dos outros. “Lula será eleito por uma oposição mecânica entre ricos e pobres, dividindo o país em ‘a favor’ do povo e ‘contra’ [...]. Teremos o ‘sim’ e o ‘não’, teremos a depressão da razão de um lado e a psicopatia política de outro, teremos a volta da oposição mundo x Brasil, nacional x internacional” (JABOR, 2006, p. 186-187). Essas escolhas lingüísticas são materializações do posicionamento ideológico do sujeito enunciador e inserem, com clareza, a dúvida e o questionamento em relação ao caminho dado pelo governo ao país.

Ao fazer paralelos com discursos historicamente relevantes, Jabor atribui caráter de credibilidade aos seus textos, crônicas políticas com forte viés argumentativo e posicionamento ideológico marcado.

Outra crônica escolhida para análise é *Nosso coração está cada vez mais frio*, publicada em 27 de abril de 2004, nos jornais *O Globo* e *O Estado de S. Paulo*, e com o título *Nosso coração está mais frio*, em 2006, no livro. Nessa, mais uma vez, o autor faz referência a conhecimentos históricos em diálogo com fatos acontecidos na época em que o texto foi escrito.

Nosso coração está mais frio

QUE CHATO!... - perdemos o espetáculo de antropofagia que ia rolar na revolta da prisão do Urso Branco. Estávamos loucos para ver o churrasco de presos no teto da cadeia em Rondônia.

Tivemos, claro, como prêmio de consolação, os corpos pendurados do alto, corpos elegantemente esquartejados, sem cabeça, na frente de familiares, filhos, crianças. "Vamos comer os corrós!", berravam eles na TV enquanto víamos com fascinação sinistra a chegada dos embrulhinhos dos corpos dos 30 garimpeiros massacrados por nossos doces silvícolas que hoje traficam diamantes, de bigodinho, calção e relógio. Será que os cintas-largas também comeram pedaços de garimpeiros num piquenique na floresta? Longe vão os tempos em que os índios comiam os inimigos em guerras dignas, preferindo que os condenados mostrassem coragem na hora do esmagamento do crânio, pois suas picanhas e chãs-de-dentro teriam mais sabor. Não creio que os garimpeiros tenham morrido de cabeça alta, como um *I-Juca Pirama*. Devem ter uivado de pavor diante dos tacapes brandidos pelos morubixabas e pajés de Ray-Ban. Pena que não pudemos ver a chacina diante das câmeras, a menos que algum índio tenha gravado em VT, pois deve ter sido mais espetacular que os filmes de gângster que arrombam cabeças a golpes de bordunas de beisebol. E será que os índios vão mesmo se aliar ao MST, como anunciaram? Será que o ministro da Justiça vai dizer na TV que só é legítimo que comam apenas fazendeiros improdutivos? Haverá churrasco de ruralistas em fazenda de eucalipto, com a bênção dos bispos?

Hoje em dia, as cenas de destruição de corpos têm de ser diante das câmeras. Se não há a visão, não há o fato. Belíssimo exemplo de morte moderna foi no ônibus 174 (que deu naquele filme extraordinário), onde o nosso herói foi morto diante do olho da TV, para nossa emoção horrorizada. Oh... como lamentamos a violência mas, por outro lado, que seria de nossas noites se não houvesse esses crimes que nos eletrizam?

O grande momento foi sem dúvida o 11 de setembro em NY, quando os aviões entraram como facas num pudim de 300 andares, quando assistimos à inesquecível derrubada das duas torres, dois sorvetes derretendo. Osama fez aquilo para ser filmado, para existir virtualmente sempre. Osama realizou o sonho de todos os produtores de Hollywood, que fizeram dezenas de filmes mostrando corpos explodindo e NY sendo destruída.

Por que a morte ao vivo é tão fascinante? Bem, primeiro pelo mecanismo do “antes ele do que eu”, o que nos dá uma mistura de medo com alívio. O espetáculo da morte alivia a tensão, porque nosso ódio é purificado por uma espécie de “*kátharsis* pós-moderna”. Explico. A *kátharsis* antiga da tragédia grega visava a justamente integrar o indivíduo na polis; já a *kátharsis* de hoje nos isola da sociedade, nos desintegra, nos “aliena”. Os assassinados pagam por nossas humilhações e sapos engolidos. Há algo de sinistramente “revolucionário” na violência: a negação da ética, da compaixão, do “outro” — esse chato com que nos obrigam a conviver. Curtimos a beleza dos golpes, dos tiros, de todo o charme das penetrações e sangue espirrando.

Se há 50 anos Auschwitz nos chocou com os corpos empilhados em pirâmides nas valas, hoje a morte vem em pílulas, de todos os tipos, trazida por homens-bomba, xiitas sangrando, pitbulls, bandidos e canibais. Os

horrores das duas guerras mundiais foram mais chocantes (e também mais esquecidos) porque os meios de comunicação de massas não eram tão onipresentes. Vamos nos acostumando aos corpos mutilados, aqui, no Iraque, na Palestina, os cadáveres da Rocinha, tudo nos traz um torpor conformado, um desalento que nos desobriga de ter esperança, nos traz o tédio diante do entusiasmo, da criação, da arte, prefigurando a derrocada da filosofia, o fim da política.

Junto com o fim de uma harmonia possível, vem a desesperança e, com ela, reina absoluto o narcisismo solitário. Sem esperança, tudo vira egoísmo. Assim, o “outro” passa a existir somente como objeto a ser comido. Ser desumano é *in*.

O objetivo a conquistar não é mais riquezas, mas a glória de vender a si mesmo. A verdade é que os crimes frios de hoje são um prenúncio dos futuros extermínios que virão.

Ficou arcaica a idéia de compaixão, e seremos tocados pela graça da insensibilidade. Teremos que esfriar mais e mais o coração para viver no Brasil. A sordidez política nacional nos levará a isso. Por enquanto, ainda falamos “Que horror!”. Mas, um dia, chegaremos a um coração perfeito, sem amor ou culpa. A sobrevivência moderna precisa do crime.

JABOR, Arnaldo. *Pornopolítica: paixões e taras na vida brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

No título da crônica o sujeito enunciador promove uma aproximação com o leitor a partir do pronome “nosso”, o que se mostra como uma marca corriqueira em seus escritos, fazendo com que se inclua na mesma situação do leitor.

No primeiro parágrafo, “[...] perdemos o espetáculo de antropofagia que ia rolar na revolta da prisão do Urso Branco. Estávamos loucos para ver o churrasco de presos no teto da cadeia em Rondônia” (JABOR, 2006, p. 189), para o leitor do jornal estabeleceu-se uma referência com outros discursos presentes na sociedade, em destaque no momento, acerca dos crimes provocados na rebelião na cadeia citada, em abril de 2004, quando foi publicada a crônica no jornal. Já no contexto do livro, a presença dos fatos específicos desse acontecimento é atenuada e ocorre a intervenção do interdiscurso permeado por outros fatos relacionados que ocorreram posteriormente. Muda-se, então, o processo de constituição de sentido a partir das novas condições de produção.

A partir disso, o autor remonta a um cenário de antropofagia para tratar da espetacularização dos crimes pela mídia, na comparação do ritual antropofágico com as imagens veiculadas e com a apreciação dessas imagens pelo público. Refere-se à morte de garimpeiros por índios em uma área de exploração de diamantes, em Rondônia, fato muito noticiado no período de publicação da crônica em 2004. Neste ponto, Jabor apresenta um caráter altamente irônico. Então, compara os “doços silvícolas”, como chama os índios que traficam diamantes, aos índios que realizavam rituais antropofágicos, os quais, ao ingerir a carne dos inimigos, acreditavam incorporar as qualidades do guerreiro adversário, entre elas a coragem. A partir disso, remete ao discurso histórico na literatura brasileira, o livro *I-Juca Pirama*, de Gonçalves Dias, poema romântico indianista, exultante de um ideal nacionalista representado pelo índio, o chamado bom selvagem. “Não creio que os garimpeiros tenham morrido de cabeça alta, como um *I-Juca Pirama*” (JABOR, 2006, p. 190). Fica evidente então, a ironia do autor ao comparar os assassinatos dos garimpeiros aos rituais antropofágicos como os relatados na literatura brasileira, além da marcação da posição de um sujeito enunciador conhecedor do país e da sua história cultural.

A representação feita do índio modernizado se dá em pontos quando Jabor se refere a “pajés de Ray-Ban” e “a menos que algum índio tenha gravado em VT” (JABOR, 2006, p. 190). A marca famosa de óculos de sol e a câmara filmadora são elementos que compõem o cenário das condições dos índios envolvidos com o tráfico de diamantes. Compara a chacina dos garimpeiros aos filmes de gângster, com sucesso principalmente por volta de 1930, por sua vez cristalizados na memória pelos confrontos violentos: “[...] deve ter sido mais espetacular que os filmes de gângster que arrombam cabeças a golpes de bordunas de

beisebol” (JABOR, 2006, p.190). Os heróis desses filmes se envolvem em crimes em função de dinheiro e poder e lutam pela sobrevivência, apesar de, na maioria das vezes, morrerem de forma violenta.

Outro discurso presente na mídia, neste momento de publicação da crônica no jornal, foi uma possível aliança entre os índios e o MST, na região dos conflitos com os garimpeiros. Com isso, o enunciador traz o discurso do então ministro da Justiça, Márcio Thomaz Bastos, de que seria legítima a Reforma Agrária para a utilização de fazendas improdutivas, relacionando isso à atmosfera de antropofagismo que fez referência anteriormente “Será que o ministro da Justiça vai dizer na TV que só é legítimo que comam apenas fazendeiros improdutivos?” (JABOR, 2006, p. 190). Nesse ponto há, então, um jogo de sentidos provocado entre esferas que são relacionadas pelo autor, como o ritual antropofágico, a postura dos índios envolvidos nos crimes, a apropriação de terras pelos integrantes do MST, que seriam distribuídas a partir da Reforma Agrária. Nota-se, assim, a presença interdiscursiva na constituição de sentido de conflito.

O discurso irônico segue no terceiro parágrafo, como no trecho “Belíssimo exemplo de morte moderna foi no ônibus 174 (que deu naquele filme extraordinário), onde o nosso herói foi morto diante do olho da TV, para nossa emoção horrorizada.” (JABOR, 2006, p. 190). Esse fato, marcado na memória do público brasileiro, refere-se ao assalto a um ônibus, acompanhado pela mídia, que acabou na morte de um refém. Nota-se a ironia nas marcas lingüísticas como “belíssimo exemplo de morte moderna”, “filme extraordinário” e “nosso herói”. Defende, assim, que os casos de violência na mídia se tornaram um espetáculo. Há um enredamento, então, do leitor que, enquanto espectador, parece cúmplice do que está sendo escancarado pela crônica.

No parágrafo seguinte, Jabor traz à tona a memória da destruição das torres gêmeas em Nova York, em 11 de setembro de 2001. Neste ponto, o sujeito enunciador produz uma situação interdiscursiva que funde as lembranças da imagem da queda das torres, incansavelmente transmitidas pela mídia, às cenas dos filmes de grande sucesso produzidos em Hollywood. A ironia está marcada na metáfora expressa quando trata do momento do atentado: “O grande momento foi, sem dúvida, o 11 de setembro em NY, quando os aviões entraram como facas num pudim de trezentos andares, quando assistimos à inesquecível derrubada das duas torres, dois sorvetes derretendo” (JABOR, 2006, p. 190).

Logo mais, o autor remonta às histórias da tragédia grega ao tratar da “[...] *kátharsis* pós-moderna’. Explico. A *kátharsis* antiga da tragédia grega visava a justamente integrar o indivíduo na polis; já a *kátharsis* de hoje nos isola da sociedade, nos desintegra, nos ‘aliena” (JABOR, 2006, p. 190). Novamente o discurso do cronista se funde ao discurso teórico e literário, como o que o autor atribui credibilidade e fortalece sua formação discursiva.

Outro ponto trazido ao discurso sobre a violência estampada nos meios de comunicação é acerca dos assassinatos de milhões de pessoas, sobretudo de judeus, nos campos de concentração de Auschwitz no regime nazista, governado por Adolf Hitler, que resultou em uma das maiores marcas de violência e repressão na história mundial, como o Holocausto. “Há cinquenta anos Auschwitz nos chocou com os corpos empilhados em pirâmides nas valas, hoje a morte vem em pílulas, de todos os tipos, trazida por homens-bomba, xiitas sangrando, pitbulls, bandidos e canibais” (JABOR, 2006, p. 19). A essa memória, provocada pelos fatos históricos, relaciona os mais recentes e promove uma configuração discursiva próxima às condições de produção da crônica permeada pelo imaginário do horror. A marcação temporal pode ser notada lingüisticamente nas formas verbais como o pretérito perfeito “chocou”, ao se referir ao período das guerras mundiais, e “vem”, presente do indicativo, às cenas recentes de violência.

4. Considerações finais

O esforço analítico para a explicitação das forças interdiscursivas nas crônicas políticas de Arnaldo Jabor propõe uma reflexão acerca da presença dos discursos retomados em todo dizer. Sobretudo no caso estudado, em que as crônicas são escritas em condições de produção específicas e publicadas em jornais, local em que dialoga com outros textos noticiados naquela conjuntura e republicados, alguns anos depois, em um livro, com o que atingem maior perenidade.

Apenas pequenas alterações são feitas nas crônicas para a edição em livro, com caráter de revisão, como nos títulos e na supressão de alguns pontos bastante factuais e pouco relevantes, com o que o autor demonstra uma preocupação em fortalecer essa perenidade dos textos a partir da interdiscursividade com fatos solidificados na memória nacional.

A presença de um autor que se situa perante os fatos e assina seus textos, em um veículo jornalístico, deixa espaço para uma revelação ideológica mais clara, dentro da linha editorial do jornal, pois, cabe lembrar que esses textos seguem a opinião do veículo em que são publicados. No entanto, no livro, a presença da linha editorial é apagada, assim como os demais textos que estavam em diálogo na edição do jornal.

Observa-se como, apesar da passagem do tempo, os textos continuam fazendo sentido, o que comprova o papel do interdiscurso em toda produção discursiva. A memória dos fatos e os dizeres anteriores preenchem lacunas deixadas pelos discursos pronunciados ou escritos em outras situações. A materialidade lingüística em si não comprova a veiculação dos sentidos, mas sim a interdiscursividade, que possibilita novos discursos a partir das diferentes condições de produção.

Nota-se, então, que Jabor situa os acontecimentos relevantes no momento determinado em que escreve frente aos fatos históricos presentes na memória do leitor e essa, provavelmente, é uma das principais características distintivas dos escritos do autor.

Mostra-se também forte a ideologia revolucionária em contradição com os percalços políticos vividos pelo país e, assim, desacreditada do governo pelo histórico de corrupção e de crueldade da humanidade. Nada é em vão na composição das cenas, principalmente na ironia bastante presente. A formação discursiva é perceptível a partir do resgate e das comparações com a história, em vários pontos, e a marcação da formação ideológica envolvente, pois as aproximações com o leitor brasileiro e seus desabafos em primeira pessoa do singular ou do plural, em vários textos, como os analisados, atribuem maior adesão e fortalecimento ao caráter argumentativo, sobretudo, quando se mostra conhecedor da cultura, da história e visionário da lógica mundial, com seu discurso incisivo e, muitas vezes, de ironia incômoda.

Referências

- ALTHUSSER, L. *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*. 3. ed. Lisboa: Presença, 1980.
- ASSIS, J. M. M. *Chronicas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1942.
- CASTRO, G. de; GALENO, A.. *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.
- CHNAIDERMAN, M. Jabor e a psicanálise: dez anos de Brasil. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/percurso/main/pes30/30Chnaiderman.htm>> Acesso em: 3 jul. 2009.
- CRUZ JR., D. F. *Estratégias e máscaras de um fingidor: a crônica de Machado de Assis*. São Paulo: Nankin Editorial: Humanitas FFLCH/USP, 2002.
- EAGLETON, T. *Teoria da literatura: uma introdução*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FERNANDES, C. A. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. São Carlos: Claraluz, 2007.

JABOR, A. *Pornopolítica: paixões e taras na vida brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

KONZEN, P. C.. *Ensaio sobre a arte da palavra*. Cascavel: Edunioeste, 2002.

MENDES, D. de O. *Cronicamente viável: a estética da polêmica na prosa de Arnaldo Jabor e Diogo Mainardi*. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/posverna/mestrado/MendesDO.pdf>> Acesso em: 25 mai. 2009.

ORLANDI, E. P. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2001.

_____. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

_____. *Análise do Discurso*. In: ORLANDI, E. RODRIGUES-LAGAZZI, S.L. (org). *Discurso e Textualidade*. São Paulo: Contexto, 2006.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2006.

ROSSETTI, R.; VARGAS, H. A recriação da realidade na crônica jornalística brasileira.

Unirevista, v. 1, nº 3, 2006. Disponível em:

<http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_RossettiVargas.pdf> Acesso em: 10 out. 2008

SÁ, J. de. *A crônica*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.